

HANSENÍASE: OS ESTIGMAS VISTOS PELOS PROFISSIONAIS DA ENFERMAGEM

Mellissa Gabriella Vaz Spinelli (Estudante (IC))^{1*},

Roseli Martins Tristão Maciel (Pesquisador (PQ))²

¹ Graduanda do 4º ano de história da UEG- CCSEH, melgs2011@gotmail.com

² Docente do curso de História da UEG-CCSEH; Mestre em História pela UFG; Doutora em Políticas Públicas pela UFRJ

Universidade Estadual de Goiás – Campus Anápolis de ciências Socioeconômicas e humanas. Av. Juscelino Kubitschek, 146 – Jundiá – Anápolis - GO.

Introdução

O presente trabalho apresenta os resultados do plano de trabalho intitulado “hanseníase: os estigmas vistos pelos profissionais da enfermagem”, vinculado ao projeto de bolsa PIBIC da UEG e é parte da pesquisa: Hanseníase: os estigmas vistos pela medicina, coordenado pela professora Roseli Martins Tristão Maciel.

A ideia partiu da constatação de que, apesar da hanseníase ser uma enfermidade infectocontagiosa crônica curável, a partir de tratamento adequado (Ministério da Saúde, 2004), trata-se de enfermidade envolta em preconceitos e estigmas milenares que ainda atinge os seus portadores na atualidade.

Nosso objetivo principal foi: conhecer a forma como os estigmas da hanseníase são apresentados nos artigos científicos produzidos pelos profissionais de enfermagem publicados no período entre 2005 a 2014. Nos objetivos específicos, buscamos: analisar a retratação da relação enfermeiro paciente de hanseníase; analisar as medidas de segurança tomadas pelos profissionais durante o contato e tratamento do paciente; observar se os profissionais que lidam com a hanseníase são alvo de preconceitos por esta razão.

A pesquisa foi feita em portais de buscas da internet: Portal de Periódicos Científicos da CAPE's, SCIELO e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), por meio das palavras chave: hanseníase; enfermagem; estigmas e preconceitos. A abordagem teórica que fundamentou a análise foi a do institucionalismo, uma vez que os estigmas e preconceitos, aqui são considerados instituições informais que faz parte do universo desta doença. Instituições informais, segundo North (1990;1994) e Hodgson (2006), tratam-se de valores, crenças, hábitos e comportamentos sociais, erigidos de maneira consensual pela tradição. A questão do estigma, foi analisada a partir da interpretação de Goffman (1988), para quem o estigma é a evidência de que uma

pessoa tem atributos diferentes das demais, o que faz que ela deixe de ser considerada criatura comum e total, reduzindo-lhe a uma pessoa imperfeita e diminuída. Outra contribuição teórica adveio do termo: contaminação simbólica, desenvolvido por S. Sontag (2002) em sua obra *A Doença como Metáfora*.

Material e Métodos

Na investigação, seguimos proposta de abordagem da pesquisa qualitativa (MYNAIO, 2012), que constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. A análise de conteúdo, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens, contidas em documentos narrativos ou não, e a atingir uma compreensão de seus significados em um nível que vai além de uma leitura simplificada. A proposta da pesquisa qualitativa possibilita para o pesquisador uma abordagem do seu objeto em sua totalidade, proporciona também, ao pesquisador, a liberdade para desenvolver a metodologia, isto é, o conjunto de procedimentos e técnicas de investigação que conduzam de forma racional e confiável o alcance dos objetivos de uma investigação. A pesquisa foi conduzida por meio da consulta e análise de artigos, sites especializados tais como o Portal de Periódicos Científicos da CAPE's e SCIELO. Os trabalhos foram previamente selecionados e, aqueles que tratavam das questões propostas para a pesquisa, foram fichados, analisados e interpretados posteriormente sob a luz das teorias institucionalistas e das abordagens de Sontag (2002) e Goffman (1980;2010).

Resultados e Discussão

A pesquisa encontrou diversos artigos publicados em periódicos na área de enfermagem que tratam da hanseníase e publicados entre os anos de 2005 até 2014. Uma vez selecionado os artigos, nas revistas científicas ou livros digitais, foi iniciada a investigação a partir da leitura inicial dos mesmos. Em seguida, realizado o fichamento do que interessa para a presente pesquisa. A partir daí, analisamos os termos (científicos ou não) que a lepra ou hanseníase tiveram no relato deste profissional. Os principais termos utilizados pelos profissionais da hanseníase, para esta doença são: Doença Epidérmica, Sintomáticos Dermatológicos e Patologia. Nos artigos selecionados, a forma como os enfermeiros tratam a hanseníase na relação enfermeiro paciente. Concluímos tratar-se de uma relação próxima, pois o

enfermeiro estará presente desde a identificação da doença até o fim do tratamento, como se exemplifica pelo texto abaixo:

Por fim, a assistência ao paciente com HS necessita de um acompanhamento integral, sendo que os profissionais de enfermagem possuem um papel muito importante nas ações de controle da HS, dentre eles, prevenção da HS, busca e diagnóstico dos casos, tratamento e acompanhamento dos portadores, prevenção e tratamento de incapacidades, gerência das atividades de controle, sistema de registros e vigilância epidemiológica e pesquisas. (GOMES, 2015)

Portanto, existirá uma interação entre os profissionais da saúde e os portadores que facilitará tanto na identificação quanto no tratamento.

A consulta de enfermagem é um momento de encontro entre o indivíduo e o profissional da saúde e, dependendo da escuta realizada, ela poderá reconhecer uma série de condições que fazem parte da vida das pessoas e constituem-se nos determinantes dos perfis de saúde e doença. (DUARTE, p 102)

O enfermeiro está sempre vigilante, atento a todos os sinais apresentados pelo paciente, mantendo uma relação constante. Esta relação é prevista na regulamentação da consulta de enfermagem, conforme Duarte,

A regulamentação da consulta de enfermagem no âmbito nacional se dá pela Lei Nº 7.498/86 e pelo Decreto Nº 94.406/87, que, em seu artigo 11º, a legitima e a determina como uma modalidade de prestação de assistência direta ao cliente que é atividade privativa do enfermeiro.5 A Resolução COFEN-159/93, artigo 1º torna a consulta de enfermagem obrigatória no desenvolvimento da assistência de enfermagem em todos os níveis de assistência à saúde, seja em instituição pública ou privada. (DUARTE, p 101)

Quanto às medidas de segurança tomada por enfermeiros durante o contato e o tratamento da patologia, utilizam os EPIs (equipamentos de proteção individual) que servem para minimizar a exposição aos riscos que são sugeridos. Usam: luvas, que são usadas sempre que existe a possibilidade de contato com a pele do paciente, principalmente em casos onde há presença de sangue, secreções ou excreções; Máscaras, gorros e óculos de proteção, que são usados durante a realização de procedimentos em que haja a possibilidade de respingo de sangue e outros fluidos corpóreos. Quanto aos EPIs,

uso e manuseio dos equipamentos de proteção, são imprescindíveis para que os profissionais tenham subsídios necessários para promover a segurança no ambiente de trabalho, orientar as práticas em relação ao controle e prevenção das infecções relacionadas aos serviços de saúde e a adoção de comportamentos adequados frente ao risco. (Neves, p. 5)

A rotina de trabalho de um profissional de enfermagem é de constante exposição aos riscos de contaminação por doenças transmissíveis por diferentes tipos de

contatos. O uso do EPI é carregado pela sensação de bem-estar, tranquilidade e equilíbrio (NEVES, 2011).

A susceptibilidade e severidade foram expressas pelos sentimentos como medo da morte e da contaminação, pânico, preocupação com a família e dúvida. Eu trabalho toda cheia de equipamento. É o capote, máscara, luvas... a gente tenta se proteger com o que tem. É o medo, medo (G2). [...] a gente observa é que o pessoal se lembra dos equipamentos de proteção quando está em pânico (G3). [...] eu tenho um bebê pequeno e eu me preocupo demais. Medo de fazer procedimento sem equipamento e me contaminar por falta de cuidado... (G2). (Neves, p. 5)

Quanto à como os profissionais da enfermagem que lidam de maneira tão próxima com a hanseníase são tratados, não observamos nenhum preconceito tanto na visão da sociedade quanto da própria família do enfermeiro nos artigos observados. Pelo portador da doença, o enfermeiro é visto com um curador, que estará realizando o tratamento de suas feridas e controlando a sua medicação, mas também é visto como um conselheiro, que estará auxiliando o paciente na sua relação com a família e com a sociedade, alertando-o quanto a possíveis preconceitos ainda enraizados no imaginário coletivo,

os enfermeiros valorizam principalmente dois fatores nas consultas de enfermagem: orientações quanto à prevenção de incapacidades e a atenção voltada na tentativa de minimizar o estigma social que esta patologia ainda carrega. Como se pode notar nos seguintes discursos:

Então, procuro orientar sobre a doença e confortá-los, pois é uma doença que quando detectada o mais cedo possível a pessoa não tem alteração em sua vida (Enfermeira 2).

Atenção holística, visando o bem estar total do paciente, uma vez que a doença traz implicações sociais (Enfermeira 4). (FREITAS, P. 759)

Assim, o enfermeiro presta uma atenção integral, cuidando não somente do físico, como também da mente, uma vez que os portadores de hanseníase se sentem inferiorizados por sua condição.

Em relação aos estigmas percebemos tratar-se de uma preocupação constante entre os profissionais da enfermagem tais como: Sousa, (2012); Brbosa *et al*, (2008); Dias e Pedrazzani (2008), Martins e Caponi (2010); SIMPSON (2013); DUARTE (2009), dentre outros que os consideram como fator que aumenta o sofrimento dos portadores da doença e atrapalham o tratamento já que os pacientes sentem o medo de aceitar o diagnóstico e com isso serem marginalizados,

Considerações Finais

Concluimos então que, quando se trata do tratamento indicado para os pacientes com hanseníase, é o enfermeiro o profissional que possui o contato mais direto com o paciente. São eles que acompanharão o paciente durante todo o processo de tratamento, desde a localização das feridas, testes de sensibilidades e

acompanhamento de seu tratamento medicamentoso. Concluímos, também, que a relação do profissional enfermeiro com o paciente é fundamental no tratamento da hanseníase tendo em vista serem eles os responsáveis pela detecção e quantificação de casos nos municípios, bem como, por todas as etapas do tratamento. Este, por sua vez, é feito a partir de medicamentos preconizados pelo Ministério da Saúde dando ao enfermeiro o respaldo necessário para a transcrição dos mesmos ao paciente assim como a forma de sua utilização.

Agradecimentos

Os meus mais sinceros agradecimentos a Universidade Estadual de Goiás, assim como seu corpo docente, por proporcionarem tal oportunidade para a realização desta pesquisa, a qual trará grandes informações a sociedade acerca dos cuidados oferecidos pelos profissionais de enfermagem aos portadores de hanseníase, podendo assim, quebrar um grande e duradouro tabu acerca desta patologia.

À minha orientadora, Roseli Maciel, obrigada pela atenção, compreensão e dedicação a este projeto de pesquisa. Foram dias e mais dias empenhados para que um sonho se tornasse realidade. Obrigada pelo apoio, não teria conseguido chegar aonde cheguei sem sua orientação.

Referências

Doenças infecciosas e parasitárias: guia de bolso; Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância Epidemiológica. – 4. ed. ampl.– Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

DUARTE, Marli Teresinha Cassamassimo; AYRES, Jairo Aparecido; SIMONETTI, Janete Pessuto. CONSULTA DE ENFERMAGEM: ESTRATÉGIA DE CUIDADO AO PORTADOR DE HANSENÍASE EM ATENÇÃO PRIMÁRIA. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v. , n. , p.100-107, mar. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v18n1/v18n1a12>>. Acesso em: 13 jul. 2017.

FREITAS, Ciibelly Aliny Siqueira Lima et al. Consulta de enfermagem ao portador de hanseníase no território da estratégia da saúde da família: percepções de enfermeiro e pacientes. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. -, n. -, p.757-763, out. 2008. Disponível em: <<http://repositorio.unifesp.br/handle/11600/4614>>. Acesso em: 21 maio 2017.

GOFFMAN, Erving. Estigmas-Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

GOMES, Salvador Viana et al. ASPECTOS PATOLÓGICOS E O PAPEL DA ENFERMAGEM NO ACOMPANHAMENTO DO PACIENTE COM HANSENÍASE. **Catussaba: REVISTA CIENTÍFICA DA ESCOLA DA SAÚDE**, ., v. 3, n. 4, p.103-111, Junho! 2015. Disponível em:<<https://repositorio.unp.br/index.php/catussaba/issue/view/59>>. Acesso em: 07 fev. 2017.

HODGSON, Geoffrey M What are Institutions? **Journal of Economic Issues**. v.40, n.1, mar, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza, (org.); DESLANDE, Suely Ferreira e GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2012.

NEVES, Heliny Carneiro Cunha et al. Segurança dos trabalhadores de enfermagem e fatores determinantes para adesão aos equipamentos de proteção individual. **Rev. Latino-am. Enfermagem**, Trindade, v. 19, n. 02, p.1-9, abr. 2011. Disponível em: <<http://rlae.eerp.usp.br/index/search>>. Acesso em: 21 maio 2011

NORTH, Douglas. **Institutions, Institutional Change and Economic Performance**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

_____ Economic performance through time. **The American Economic Review**. V.84, n.3, jun. 1994.

SANGI, Kelly Cristina Cateringer. et al. Hanseníase e Estado Reacional: História de vida de pessoas acometidas. **Revista de Enfermagem da UERJ**. Rio de Janeiro, v.17, n.2, p.209-214, abr/jun. 2009. **SARNO**, Euzenir Nunes. A hanseníase no laboratório. **História, Ciência e Saúde – Manguinhos**. Rio de Janeiro, v.10 (suplemento, 1), p.277-290, 2003.

SIMPSON, Clélia Albino et al. No hábito do antigo hospital colônia – representações sociais da hanseníase. **Journal of Research Fundamental Gare on Line**, v.5, n.3, p.104-113, jul/set, 2013. Disponível em: <www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/.../3003/2543>.

SONTAG, Susan. **A Doença como Metáfora**. Rio de Janeiro: Graal, 2002.